



Centro de Estudos Anglicanos

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

PASTORAIS

Dom Almir dos Santos - Bispo Diocesano
Diocese Anglicana de Brasília
28/10/1989

Irmãos e irmãs:

A Graça e a Paz de nosso Senhor Jesus Cristo estejam com vocês, neste momento importante para a vida diocesana, quando nos reunimos em Concílio.

Sendo este meu primeiro pronunciamento à Diocese, gostaria de iniciar fazendo um breve exercício de rememorar a caminhada diocesana nestes 4 anos de sua existência. É sempre salutar e necessário que dediquemos momentos de reflexão sobre a nossa História para aprender a partir da análise crítica da prática que vamos acumulando através do tempo. No Antigo Testamento vemos muitos exemplos de como o Povo de Deus, em momentos críticos, rememorava sua História para refletir sobre a ação de Deus em seu meio (cf. Dt 11.1-7; Dt 29.1-9; Js 24.2-13; etc.), e assim perceber os novos rumos que novos desafios apresentavam. Assim, a exemplo da Palavra de Deus, refletir sobre a nossa História permite perceber a ação do Senhor e também nossos acertos e nossos erros, e, a partir daí, compreendermos o momento presente e aferir nosso horizonte futuro.

1. Nossa Caminhada:

A Igreja Episcopal chegou a Brasília no tempo da fundação da cidade, quando se construiu um templo no Plano Piloto (que é hoje a nossa Catedral), objetivando atender, essencialmente, os migrantes da Região Sul que vinham à nova Capital em busca de trabalho e com esperança de novas oportunidades de vida. Ao mesmo tempo, se desejava atender nossos irmãos de outros países que, pertencentes às missões diplomáticas, para cá transferiram sua residência.

Naquele momento não houve um plano de expansão da Igreja para o planalto central, embora já naquela época isso fosse um sonho e, portanto, uma esperança da Igreja. Só após a emancipação da Igreja brasileira se começou a planejar a expansão em direção ao norte/nordeste e à nossa região. No início dos anos 80 a Igreja começou a pensar na possibilidade de uma Diocese Missionária em nossa região. O Sínodo de 1982 criou a nossa Diocese, desmembrando-a da Diocese Central cuja sé está no Rio de Janeiro. Tal decisão, entretanto, não significava a implantação da nova Diocese. Assim, a Diocese Central começou a planejar o desmembramento e a implantação.

A Conferência de Lideranças, em 1983, considerou como prioridade a instalação da Diocese de Brasília (cf. Documento de Base) e, antes dela, a Consulta de Companheiros na Missão realizada em São Paulo, já havia apontado nossa região como fronteira missionária da igreja no Brasil.

Em junho de 1985 foi realizada a instalação da Diocese Missionária de Brasília, e Dom Agostinho Sória veio residir entre nós como nosso 1º Bispo Diocesano.

Durante seu curto episcopado, Dom Sória deu os primeiros passos para a consolidação da Igreja aqui, formando um patrimônio mínimo necessário para garantir a infraestrutura básica da Diocese. Com o apoio de outras Igrejas da Comunhão Anglicana e a solidariedade das demais Dioceses brasileiras, começou-se modesto trabalho de expansão missionária, limitado pelos recursos disponíveis e tendo na igreja Catedral o foco irradiador, atingindo a periferia do Distrito Federal.

Ao mesmo tempo, pequena mas laboriosa liderança leiga começou a formar-se e, olhando para o futuro,

Dom Sória criou o Centro Angli-cano de Teologia (o nosso CANT) para propiciar formação especial para o ministério leigo e, futuramente, a formação do clero diocesano.

2. Nosso momento presente:

Nestes seis meses desde minha sagração e instituição como Bispo Diocesano, tenho procura-do conhecer a Diocese, suas potencialidades e limitações, e buscado conviver com o povo diocesano para sentir suas esperanças e temores, aprendendo sua linguagem, seus valores culturais e, à luz da Palavra de Deus e da nossa Tradição, auscultar a vontade de Deus, Seu chamamento e os caminhos que Ele aponta para nossa pequena e pobre comunidade eclesial. Tentando ser fiel aos métodos de nosso Senhor, dediquei este tempo inicial para conviver como Pastor e Amigo no meio de vocês (cf. Lc 10.5-7).

Institucionalmente falando, constatei que somos concretamente o seguinte:

- uma Paróquia (a Igreja Catedral) no Plano Piloto;
- uma Missão Organizada em Pedregal, onde também prestamos relevante serviço através de uma Pré-Escola;
- uma Missão Organizada em Ceilândia, formada pelos núcleos de Ceilândia Sul e Ceilândia Norte.

Do ponto de vista patrimonial, temos o mínimo necessário para a manutenção da infraestrutura existente, se o mesmo for dinamizado e administrado adequadamente.

Entretanto, gostaria de deter-me mais nos aspectos desafiadores que a análise sociológica e pastoral da Diocese me sugerem.

3. Nossa Identidade:

Nenhuma Igreja vai tornar-se atuante na Missão enquanto lhe faltar consciência a respeito de sua identidade. Aqui coloco a preocupação pelo específico da nossa identidade como anglicanos. Necessitamos desenvolver um processo de reflexão entre nos acerca dos tesouros de nossa Comunhão, envolvendo justamente a totalidade do povo diocesano, pois a Igreja só será missionária à medida em que o forem os seus membros. Por isso, é da máxima importância dar mais atenção aos aspectos formativos do nosso povo.

Sabemos, entretanto, que o destaque à confessionalidade traz riscos, mas não queremos reavivar um espírito de “confessionalismo” rígido de posições intransigentes, que se recusa ao diálogo e à diversidade e à aprendizagem. Deverá ser permitido avaliar de modo crítico a própria tradição anglicana, a despeito de sua riqueza. Devemos evitar uma identidade tão somente de aspectos negativos. Identidade sadia se baseia não na negação do que não somos, mas na afirmação do que somos. Sob tal perspectiva, a busca da nossa identidade como anglicanos na realidade em que estamos inseridos, em nada prejudica o compromisso ecumênico, pois trata-se de perguntar pela contribuição que temos a dar na interseção com as demais igrejas.

Exatamente por isso temos a liberdade e o dever de nos conscientizar do “dom espiritual” específico da Igreja Episcopal, à luz das palavras do Apóstolo São Paulo aos Romanos “a fim de repartir bênçãos espirituais... para fortalecê-los” (Rom 1.11).

Em que reside nossa razão de ser? Seria apenas tornarmo-nos uma das muitas ofertas no mercado religioso? O que importa não é saber se a Igreja Episcopal terá chances de sobrevivência na sociedade brasileira e mais especificamente em nossa região diocesana, ou se vai achar sua “clientela” no futuro. Não é isso que justificaria nossa existência. A pergunta chave é se uma Igreja Anglicana é aqui necessária.

Acredito que sim! Por isso, todos nós aqui estamos.

4. Chamamento à vida em comunidade:

Outro desafio que visualizo a partir destes poucos meses de convívio na Diocese é a questão de edificar comunidades na área rural e urbana.

Desde seu começo, a missão dos cristãos tem se delineado através da formação e promoção de vida em comunidade, isto é, pessoas em comunhão (koinonia).

Em nossos dias é forte a tendência à privatização da vida e à compartimentação da sociedade. O anonimato e a superpopulação dos centros urbanos, o “stress” - a energia gasta - provocado pelas dificuldades de locomoção, a poluição sonora, o cansaço, fazem as pessoas refugiarem-se na privacidade do seu lar ou do grupo de amigos, em busca de sossego. O mundo do trabalho desconsidera os laços familiares e afetivos e as necessidades de socialização das pessoas: prioriza o lucro a qualquer custo. Divide as pessoas de acordo

com as suas habilidades, sua renda e propriedade, sua idade e sexo. O medo da violência, enfim, mantém as pessoas atrás de portas trancadas, dentro de um mudo particular, separadas umas das outras.

Nós finais de semana e nos feriados, aqueles que podem, tratam de fugir dessa situação infernal para se divertir ou conviver por alguns momentos com a natureza.

Nestas condições, o encontro com pessoas diferentes, a experiência de comunhão e o desenvolvimento comunitário são altamente dificultados.

Contra todas as resistências, pois, é mais do que necessário edificar comunidades e comunidades de proclamação e afirmação da Vida em abundância. Faz parte do “ser cristão”! É um ato profético!

Refletir sobre a natureza da comunidade cristã é urgentíssimo para nós, como cristão e como anglicanos brasileiros e brasilienses.

Nosso país é um continente e nossas famílias se deslocam por todos os espaços e carecem da presença da Igreja como vida em comunidade.

Em que aspectos uma comunidade cristã se distingue de um clube social ou de um partido político? A “igreja clube” exclui os membros incapazes de saldar sua contribuição financeira; a igreja considerada por si mesma como carismática ou “decidida” ou “revelada” exclui aqueles que, pelo critério adotado, não se enquadram como “convertidos”. A igreja dita “engajada” ou progressista exclui aqueles a quem, considera “burgueses”. Creio que isso ainda não é uma realidade em nossa Igreja no Brasil e em nossa Diocese. Graças a Deus! Mas as tentações estão a nos rondar, precisamos admiti-lo.

Portanto, conclamo e convoco nosso povo a reunir-se num grande encontro para juntos pensarmos nossa inserção como testemunhas do Cristo Ressuscitado, como denunciadores do Maligno e proclamadores do Reino na realidade social em que estamos e planejarmos nossa ação concreta como Comunidade de Fé. Vamos construir a koinonia!